

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMMARY: Aos leitores.—O testamento do Sr. de Anvelin.—Briarões e pigmeus.—Bellas-artes; os quadros do Sr. Resende.—Amor e fatalidade.—Ultima pádua de um suicida.—Revista de theatros.—POESIAS.—Nome.—Recordações.—

AOS LEITORES.

Ha tres mezes que appellamos para a coadjuvação do nosso publico quando tivemos de fundar esta revista. Não foi baldado esse apello: o publico, benevolo, prestou o seu apoio á nossa tentativa litteraria, comprehendendo que o *Espeelho* não era um ramo de especulação, mas sim preenchimento de uma lacuna já bem sensivel, sendo como é a unica revista que offerece hoje aos seus leitores com um pouco dispendio uma leitura moral e instructiva.

A extensão e preponderancia deste apoio não pôde ser aquillatado pelo numero sempre crescente de assignantes que até agora contemos. Porém isso ainda não basta: vamos proseguir na nossa empresa, e para que não fallegamos de certo nos não será sufficiente a boa vontade com que trabalhamos, si cessar a protecção que nos alimenta, vigora e fomenta o trabalho.

As empresas litterarias neste paiz infantil e extraordinariamente de pouca duração: ainda não está bem definido o gosto pela leitura, e por isso tanto mais nos lisongeamos de haver conseguido um dos poucos que tem merecido o acolhimento.

Indifferentemente pensando, temendo mesmo o differentismo em que se dizia o paiz para os aptos litterarios, esmorecemos á princi-

pío em face de alguns sacrificios que se nos antolhavam. Depois, á proporção que viamos a confiança que em nós depositava o publico, fomos-nos reanimando, creando forças e dividando no porvir uma senda mais vasta a percorrer.

Esta revista não tem satisfatoriamente preenchido um dos fins da sua missão. Na parte concernente á modas, nesta parte tão importante para o nosso bello sexo, tem ella sido um pouco omissa. Essa falta foi devida á prudencia dos nossos calculos: preferimos medir antes o terreno em que pisavamos ao andar precipitado e leviano que conduz ao nada. Tivemos medo de causar e parar em meio caminho.

Hoje que a esperança já não é para nós unicamente um sonho de futuro, porque se vai convertendo em realidade, podemos da nossa parte mais alguma coisa prometter tambem aos nossos assignantes.

Pelo paquete que partio d'aqui para Europa no corrente mez estabelecemos uma correspondencia regular para Paris, com o fim de mensalmente remetter aos nossos assignantes uma completa colleção de figurinos dos ultimos que alli se publiquem.

E' provavel que no começo do proximo futuro anno recebamos a primeira de nessa mensal.

Além deste melhoramento, que sem duvida fará multiplicar o numero das assignaturas, provindo d'ahi maiores vantagens para o *Espeelho*, vantagens de que lucrarão ainda os seus assignantes, continuaremos a enviar todos os nossos esforços para a boa redacção da folha.

Os nossos leitores conhecem sem duvida

uma das bonitas pennas que desta redacção já faz parte, o Sr. Machado de Assis; além deste Sr. tomará também parte d'ora em diante na redacção do *Espelho* o Sr. L. J. da Silva Rebello, cujas bellissimas poesias mais de uma vez terão apreciado.

Findando o trimestre desta revista com o numero de hoje julgamos que deviamos agradecer ao publico a coadjuvação que nos tem prestado, fazendo de nossa parte por continuar a merecê-la.

Pedimos tambem a aquelles senhores que não quizerem continuar com as suas assignaturas o obsequio de declararem a esta redacção, ficando considerados ainda como taes os que assim não fizerem.

O TESTAMENTO.

DO SENHOR DE CHAUVELIN.

V.

O LEVANTAR DO REI.

(Continuado do n. 12.)

O duque de Ayen, um dos homens mais espirituosos dessa época altamente espirituosa, comprehendea o mau humor crescente do rei, e receando mais alguma cousa, deu dois passos, e caminhou para elle. Não era possível deixar de ser visto, com os bordados largos e brilhantes que lhe rutilavão na vestia, nas ligas e na casaca; o monarcha o viu com effeito.

— Por minha fé! duque de Ayen, exclamou o rei, vindes resplandecente como um sol. Roubastes um coche? Pensei que não havia mais sirigueiros, depois do casamento do conde de Provença, por occasião do qual nenhum cortezão lhes pagou, e onde não appareceu nenhum principe, por falta de credito ou de dinheiro, sem duvida.

— Ficarão bem arruinados, senhor.

— Quem; os principes, os sirigueiros ou os cortezãos?

— Todos esses o seu boceado, penso eu. Mas os sirigueiros não hão de perder na cousa habeis como são.

— Como?

— Com esta nova invenção:

E mostrou os bordados.

— Não comprehendo.

— Senhor, estes bordados chamão-se *à chancellor*.

— Cada vez entendo menos.

— Haveria um meio de fazer comprehender a V. M. este enigma; era citar os versos que os parisienses fizeram, mas não ouo.

— Não ousaes, duque, disse o rei sorrindo.

— Por minha fé! não, senhor, espero as ordens do rei.

— Pois tem a minha ordem.

— Lembre-se ao menos o rei que eu apenas obdeço. Eis os versos:

Este novo galão inventado —
E que tanto costuma brilhar;
Chancellor tem por nome entre o povo
Por que é falso e não sabe corar.

Os cortezãos pasmados de tanta audacia olharão uns para os outros, e voltarão-se ao mesmo tempo para Luiz XV, afim de modelarem as phisionomias pela do rei. O chancellor Manpeon sustentado então pela favorita era u a personagem muito alta para que censurassem ouvir os epigrammas que incessantemente lhe fazião.

O monarcha sorrio e todos os labios sorrirão tambem; e como o rei nada respondera ninguém ousou dizer palavra.

Luiz XV tinha uma estranha disposição. Temia horriavelmente a morte, e não consentia que lhe fallassem na delle. Mas, por dá cá aquella palha, elle sentia uma especie de prazer em chacotear com o fraco que tem quasi todos os homens em occulta idade, velhice ou enfermidade.

Dizia muitas vezes a um cortezão:

— Já estaes velho e que figura tendes! estaes as portas da morte.

A philosophia se revelava aqui e nesse mesmo dia, em que duas vezes cruelmente o havião ferido, expoz-se a receber um novo

Para reactar a conversação interrompida com o duque de Ayen disse-lhe brusca-mente.

— Como vai o cavalheiro M. Noailles, será verdade que elle está doente?

— Senhor, tivemos a desgraça de o perder: morreu hontem.

— Ah! bem lh'o tinha eu dito.

Depois olhando para o circulo descorte-

cos, augmentado com pequenas entradas, reparou no abbade de Broglio, homem aspe-
to; e disse-lhe estas palavras.

— E' a vossa vez, abbade.

Tendes exactamente dois dias menos que elle.

— Senhor, replicou o abbade Broglio branco de colera, V. M. esteve hontem a caçar, veio um temporal e o rei ficou molhado como os outros.

E rompendo os grupos sahio furioso. O rei vio-o sahir com um olhar triste, e accrescentou:

— E sempre assim, aquelle abbade de Broglio; zanga-se sempre.

Depois vendo á porta o seu medico Bonnard acompanhado de Bordeu protegido por Mme. Du Barry, que aspirava a substitui-lo, chamou-os ambos.

— Vinde, senhores, esta manhã só se falla na morte; por aqui é esse o vosso assumpto. Qual de vós será capaz de me mostrar a fonte de Jouvence? Fôra isso uma bella maravilha, e para o descobridor uma fortuna segura. Serieis vós, Bordeu? Por que este Esculapio ao pé de Venus comprehendendo que não tenha cogitado nessas cousas.

— Peço perdão ao rei, mas eu tenho um systema que nos deve remontar ao bom tempo da historia.

— Da fabula, interrompeu Bonnard com ar de enfiado.

— Pensa isso, proseguio o rei, pensa isso meu pobre Bonnard? O facto é que debaixo da vossa direcção a minha mocidade não passa de uma fabula amarga, que aquelle que me remoçasse agora seria ao mesmo tempo historiographo da França; por quanto houvera traçado as mais bellas paginas do meu reinado. Mãos á obra.

Bordeu é um cura digno de uma grande reputação. Entretanto apalpai o pulso do Sr. de Chauvelin que ahi está palido e triste. Dai-me a vossa opinião sobre essa saude tão preciosa aos nossos prazeres. . . . e ao meu coração, accrescentou elle muito depressa.

Chauvelin sorriu-se amargamente apresentando o braço ao medico.

— Qual dos dois, Senhores?

— A ambos, redarguiu Lu z XV. rindo, mas não a Lamartiniere: é capaz de vos prender uma apoplexia como fez comigo.

— Então é convosco Senhor Bonnard: o passado antes do futuro. Que lhe parece?

— O Senhor marquez está muito doente; tem tumidas de mais as fibras do cerebro: fora bom que se sangrasse quanto antes.

— E vós, Senhor Bordeu?

— Peço perdão ao meu sabio collega mas não sou do seu mesmo parecer. O senhor marquez tem o pulso nervoso. Se eu fallasse de alguma bella dama, diria que ella tinha vapores. E'-lhe preciso praser, repouso, nada de amofinações, nem de negocios, satisfação completa; em fim tudo o que ao pé do augusto monarcha de quem elle tem a honra de ser amigo. Prescrevo a continuação do mesmo regime.

— São duas consultas admiraveis; bem iluminado deve estar o Senhor de Chauvelin. Meu pobre marquez, se chegardes a morrer Bordeu fica um homem deshonrado.

— Não, senhor, os vapores matão quando não são tratados.

— Senhor, se eu morrer, respondeu o senhor de Chauvelin, peço a Deus que isso aconteça aos vossos pés.

— Pois não! que medo me farias tu! Mas não são isto horas da missa?

Parece que já aqui estão o Sr. Bispo de Senez e o Sr. Cura de S. Luiz, nosso parochio. Desta vez espero que me contentem. Bom dia Sr. Cura, como vão as vossas ovelhas? Ha muitos doentes, muitos pobres?

— E' verdade, Senhor, ha muitos.

— Mas não abundão esmolas? encareceu o pão? augmentou o numero de infelizes?

— E' verdade, Senhor.

— Como? donde vem elles?

— Senhor, é que até os vossos criados me pedem esmola?

— Acredito, não lhes pagão. E não se poderá pôr essas cousas em ordem? Que diabo! e não estás de anno como gentilhomem de camara?

— Senhor, os criados não estão na minha alçada de repartição do mordomo-mór.

— E a mordomia os mandará por outro. Pobre gente! disse o rei commovido um instante; mas em fim eu não posso fazer tudo. Vem connosco a missa, Senhor Bispo? accrescentou elle voltando-se para o abbade de Beauvais bispo da Senez que pregava na quaresma perante a corte.

— Estou as vossas ordens, Senhor, respon-

deu o bispo inclinando-se, mas eu ouço aqui palavras bem graves. Falla-se da morte e ninguém pensa n'ella; ninguém cuida que ella chega a hora marcada, quando menos a espera, e nos surprehe entre prazeres ceifando grandes a pequenos com a foice inexoravel. Ninguém se lembra que ha uma idade em que, o arrependimento e a penitencia são uma necessidade e um dever, em que os fogos da concupiscencia devem apagar-se diante da grande idéa de salvação.

— Richelieu, interrompeu o rei sorrindo-se parece-me que o Senhor bispo deita pedras ao vosso jardim.

— Sim Senhor e deita-as com tanta força que algumas vem bater no parque de Versailles.

— Ah! bem respondido, Senhor duque; respondeis ainda como nos vintes annos. Senhor Bispo, foi bem começado este discurso havemos de o acabar domingo na capella; prometto que o heide ouvir. Chauvelin para ategavos tendes dispensa de nos acompanhar; ide esperar-nos em casa da condeça accrescentou elle baixinho. Ella acaba de receber o famoso espelho de ouro obra prima de Rotiers. E' preciso ver isso.

— Senhor, prefiro ir para Grosbois.

— Outra vez! estaes delirando, meu caro; ide para casa da condeça que vos hade curar dessa mania. Para a missa! para a missa, Senhores! este dia começa muito mal. Veirão o que é envelhecer.

(Continua.)

BRIARÊOS E PIGMEOS

No horizonte social, os olhos estão acostumados a ver figuras agigantadas.

As fôrmas exiguas perdem-se na massa escura, como constellações apagadas.

As primeiras figuras, são os Briarêos, cabeças moldadas por um seculo; as fôrmas exiguas, são os pigmeus, humanidade microscopica, vermes da sombra e do chão social que se alimentão nas seivas da arvore publica.

Definem-se sempre assim?

A's vezes... quasi sempre, não.

Essa differença a historia as vê tarde ou cedo; mas os olhos contemporaneos se enganam muitas vezes.

Phenomeno visual! as fôrmas dos vultos tomão as proporções lilipulianas das figuras mais da terra; Demosthenes calça o botim e a casaca, e deixa a sua tunica ao mais exíguo deputado das cortes modernas.

E uma troca de destinos.

Assim, no horisonte social uma estrella se levanta, cresce, cresce, cresce ainda, e dentro em pouco é sol.

Como cresceu?

Segredo do passado, ovo da sombra que o futuro quebrará pela mão da historia.

Mas cresceu. Como um sol que é, occupa uma realza no infinito; está bem alto, não ha olhos que o não vejam, não ha cabeça que lhe não sinta os raios.

Mas levantai-vos, procuraes ir até esse sol, em um impulso prometheano, e vereis... caso notavel! o sol não se agiganta mais, minua; se lhe tocaes não é mais um globo de luz, é apenas uma nodoa luminosa.

Curvae entretanto a fronte; arredae os olhos dessa constellação, e olhae mais para baixo, la onde o horizonte parece que se identifica com o mar.

O que vedes?

Uma luz, pouca cousa; um ponto luminoso mesquinho e tremulo como a ultima esperança; é uma estrella ou uma perola; não se extrema; brinca na vaga como na derradeira linha horisontal.

Não é possivel descer mais baixo.

Mas é tão pequena assim? É. Mal a vemos nós, tão pequena e tão longe está.

Correi emtanto a ella, correi, correi mais, pedi azas a Icaro, e procuraes ver mais de perto, aquelle ponto desmaiado.

Vem o reverso; a estrella cresce; e a proporção que vos approximaes d'ella é um sol que descobris: um mundo que se apresenta É o *manigudo parvi* do poeta.

Como analysar este phenomeno?

Impossivel. Moralisemos ao menos o facto.

A historia é o futuro, e o futuro está longe e com outros olhos. As vistas actuaes nem sempre são juizes severos: errão como tudo!

Errão. Applicão muitas vezes um prisma; descobrem, em vez da luz, o iris; o iris, phenomeno de atmospheria, effeito de acção solar, inconsistente e impalpavel como a sombra; mais nada.

É o futuro que extrema e separa estas cousas.

M.

BELLAS-ARTES

Os painéis do Sr. Rezende.

Nous aurons l'œil sur les artistes, à fin que les citoyens reçoivent des impressions de tous les objets qui viendront frapper les sens, et que, dès leur enfance, tout les porte insensiblement à aimer la droiture, etc. etc. *Platão.*

A arte moderna, conforme a tem entendido os mais celebres artistas, desde Giotto e Cimabue até Paulo de La Roche—não consiste unicamente na reprodução de certas praticas ou usos materiaes do trabalho.

Para a criação das obras primas da arte é preciso que a sciencia se reuna ao sentimento, que é a poesia do trabalho. — O officio ou o mister não é senão o meio positivo pelo qual se revela o pensamento e a inspiração.

A theoria baseada na faculdade productiva das artes — não eleva só o desenvolvimento plastico do trabalho que se engrandece nas regras da sciencia, auxilia na revelação a marcha do espirito e da intelligencia.

Se o sentimento das bellas artes, filho do espiritualismo da alma não existe fora do sentimento da harmonia, é necessario tambem um completo conhecimento das regras que guião o talento na applicação da arte.

O conhecimento pratico do bello philosophico é o principio liberal da pintura, assim como a perspectiva é a consequencia da thechnologia da arte.

O bello ideal por meio das regras da composição em geral e da harmonia das partes de que se compõe o todo artistico que se representa — conduz o espirito à perfeição esthetica e manual, — que são — o complexo dos verdadeiros talentos.

A realisação dos principios da razão e da intelligencia existe na relação immediata da obra com o bello, verdadeira manifestação da alma sobre o exercicio da materia.

A idéa absoluta que se encerra na essencia da belleza artistica é um d'esses mysterios sagrados do espirito, que só ao

genio é dado penetrar e conhecer—E' que a belleza reúne em si mesma todos os predicados do bello — assim como a luz reúne em um só corpo as côres graduadas do prisma solar.

O estudo philosophico das harmonias da natureza guia ao conhecimento da belleza universal da arte. Assim, se, por exemplo, considerarmos o homem como a mais bella obra da criação, deve entender-se que a sua belleza deve pertencer tanto ao bello physico pela organização, como ao bello optico pela proporção.

A idéa da belleza, embora geral, — é relativa ao objecto de que se trata.

Se assim não fosse como se justificaria a belleza do homem e da mulher, tão differentes na sua constituição physica e igualmente tão perfectos, — verdadeiros typos da belleza material.

Na pintura, arte superior em que a poesia e o bello se unem e se confundem em uma só entidade — demonstrão-se os objectos sobre os principios da côr e do contorno, variados pela posição em que estiverem, e pelo effeito da luz sobre o corpo que a recebe.

Ha, porém, o estylo, a particularidade caracteristica do artista que não se define senão pela organização — dos órgãos da vista e do sentimento, pelos quaes a alma se revela.

A suavidade do colorido de uns, o vigor das massas de luz e de escuro de outros provão que as almas, embora sintão o mesmo ideal, não podem demonstral-o senão subordinando-o ás consequencias do organismo material do artista.

Miguel Angelo e Raphael, Ticiano e Rubens, gladiadores do bello, gigantes da arte não se confundem nem se comparão.

Conhecedores da arte, sentindo em si o germen da belleza positiva e ideal, revelarão—as segundo a acção das faculdades do corpo, e não segundo a essencia do bello, que é uma, unica e absoluta.

Em um assumpto de varias figuras exige-se que uma seja dominante, unica por assim dizer, isto é, que a principal domine a peripacia que se retrata pela reunião da disposição caracteristica, pela posição, pela suavidade do claro escuro, ou do effeito luminoso, pela propriedade e côr das vestimentas, pela graça e pela expressão.

Todas as outras personagens submettidas á primeira sugeição-se gradualmente umas ás outras, segundo o papel que representão de maneira a fazer sobresahir o caracter dominante da figura principal.

Estas insignificantes observações suggeridas pelos dous bellos quadros que, do Sr. Rezende, distincto pintor portuguez, se expõem na casa do Sr. Bernasconi, podem talvez servir para justificar os conhecimentos artisticos do illustre pintor.

O painel em que o salão encostado ao seu bordão, olha á socapa para a moçoila que o escuta — embevecida n'alguma historia de amores — é de um bello effeito, — cheio de verdade e natureza.

A applicação das leis da unidade representada pelo protagonista do assumpto não abrilhanta sómente a graciosidade da composição; mostra tambem a pericia do artista, como creador na concepção, como observador no caracter e na expressão, como profissional no estylo e nos detalhes variados e numerosos.

O claro escuro e o colorido em geral, a conveniencia da concentração da luz — sem o esquecimento das meias tintas, que são — a melodia das harmonias da optica e da prespectiva, mostram que o trabalho practico da arte foi secundado pela reflexão e pelo estudo das regras.

Com tão bellas disposições, com tão pronunciada vocação e conhecimentos artisticos — bem facil seria ao Sr. Rezende a apresentação de um maior trabalho.

Quizeramos vê-lo no desempenho de um painel de grande vulto e de mais vasta concepção, em que o seu talento, avassalando um mais vasto horisonte, realizasse em maiores proporções uma producção artistica.

E' verdade que a pericia e a arte não se avalião pela extensão, nem o espirito se guarda em toneis, como o de Heidelberg.

Entretanto uma maior tela prestar-se-ha melhor ao desempenho magistral do traço e do colorido.

Quando se pôde pintar assim é bom não ser avaro nem egoista.

F. J. Bihencourt da Silva.

AMOR E FATALIDADE.

I.

O assassinato.

O amor é o maior tyranno das virtudes; os dictames da razão, na sua escola, são herezias, e os seus primeiros suspiros são do juizo os ultimos alentos.

Raphael Bluteau.

D. Rodrigo era um fidalgo da primeira nobresa. Contava os seus titulos pelos seus avós; de caracter altivo e orgulhoso, julgaria um delicto o não respeitar-se o seu braço d'armas; era soberbo como um nobre da primeira classe de Hespanha, que gosa do privilegio de cobrir-se em presença dos reis.

D. Rodrigo tinha 55 annos, era alto e magro, e tambem coxo como Frederico 2.º Tinha o rosto pallido, o olhar vivo, nariz afilado, pouca barba e cabellos corredios.

Amava tanto os pergaminhos dos seus titulos, a toga dos seus maiores, que para elle só erão nobres e grandes aquelles, que provinham de uma genealogia de fidalgos; como se o trabalho, o estudo, e a virtude não podessem supprir, muitas vezes, e exceder mesmo os meritos e os nomes herdados!

A pesar do seu orgulho e soberba, era D. Rodrigo humano.

Indo a uma caçada, e encontrando um menino abandonado, mandou trasel-o para o seu palacio, e com toda caridade, o criou, e mandou-lhe ensinar as humanidades.

Esse menino que quando viera para o palacio de D. Rodrigo, teria 2 ou 3 annos, chamava-se Julio.

Julio agora è um moço de 25 annos. Mancebo elegante e esbelto, de cabellos loiros, olhos azues, e nariz bem conformado, era amado por D. Rodrigo como se fôra filho d'esse fidalgo; e Julio mostrava-se digno da sympathia do seu bemfeitor; respeitava-o como seu pai, estimava-o como seu protector. Mas parece que uma má estrella guiava o destino d'esse moço. Quando creança fôra abandonado nos bosques, um braço protector o amparara, e vindo crear-se em um palacio, tinha de encontrar ainda alli desgraças e tormentos.

Julio começou a amar a Malvina filha de D. Rodrigo. Ao principio procurou desvanecer esse amor, que nascera intenso no seu coração; mas o amor quando é immenso não se abafa, não morre; e sem pensar, sem mesmo ter desejo, viu Julio que o seu amor crescia cada dia.

A sympathia é um segredo, que as almas mesmo não comprehendem.

Julio procurava matar o seu amor no barco, porque via, que Malvina, a joven fidalga, não ousaria dar o seu coração a um pobre enfeitado, a um bastardo de Deos.

E D. Rodrigo?

Se soubera do amor de Julio, seria capaz de mandar degolar esse vilão insolente, que se atrevera á amar a sua filha, ou então arlendo em soberba e furia, julgaria o pobre moço um doudo, ou um insensato, e o desterraria para um hospital.

Julio pensava nisto, e assim tremia pelo seu amor; mas o amor não fica no estreito recinto de um coração, caminha, se expande, e vae até o objecto amado.

Malvina comprehendeu logo o amor do pobre mancebo, e essa moça esquecendo o orgulho e aristocracia de seu pai, amou tambem a Julio.

Todas as manhãs encontrava flores na sua janella, e Malvina beijando essas flores as lançava ao seio, porque sabia, que eram enviadas pelo seu amante. Por ventura a princeza Margarida não amou tambem o desgraçado Alain Chartier; Riccio o trovador, não obteve amores de Maria Stuart?

O amor de Julio foi descoberto pelo tio Anastacio, que era o guarda-portão do palacio, e que madrugava cedo só para dar com a historia dos namoros do rapaz.

O tio Anastacio era um velho muito feio, cara redonda, e vermelha como lacre, olhos verdes, boca escancarada, beiços groços, gambias finas, e pansudo como Luiz-o-Gordo.

Era um typo repugnante e caricato; parecia-se com esses bonecos informes, que as crianças os fazem mover com linhas e arames.

O tio Anastacio não não tinha muita sympathia ao senhor Julio; por mais de uma vez o tinha atormentado a coragem e independencia do character d'esse moço.

— Se o Exm.^a Sr. D. Rodrigo, dizia tio Anastacio tomando rapé, souber d'esse namorico, vai tudo pela agua abaixo. Como é que o coração do senhor Julio foi bater

pela minha amasinha! Um pobretão querer amar a uma princeza! É atrevimento, é ousadia. Ah! se o *negocio* vae aos ouvidos do Exm.^a Sr. D. Rodrigo, o tal senhor Julio tem de ver-se com agua pela barba.

E o maldito cerbero foi tomar conta do seu posto. Julio certo que seu amor fôra comprehendido pela filha de D. Rodrigo, e não pensando mais em afastar de seu coração esse amor vehemente e forte, procurou desviar os obstaculos, que poderiam tornar inutil e sem fructo essa sua paixão, tratou de livrar-se de D. Rodrigo.

O amor é máo conselheiro, enchendo o coração, alucina o cerebro, e faz de um sabio um doudo, de um santo um malvado.

Julio fez do seu amor seu idolo, e esquecendo-se de tudo, pensou em matar o fidalgo, o pai de Malvina.

Essa idéa ao principio o horrorisou, depois o fez entrestecer.

Malvina notou a melancolia do seu amante, mas não ousava perguntar-lhe a causa; porem esse pesar, essa especie de perturbação, que Julio começou a manifestar foi fazendo, cada dia, mais sensação á pobre moça, que procurou seguir, quanto podia, os passos do seu amante, pensando que alguma desgraça o perseguia, ou temendo talvez, que elle premeditasse alguma cousa.

A idéa má nos persegue como um phantasma; por fim o homem, se acostuma com ella, e a adopta; Julio jurou matar a D. Rodrigo.

Penetrou na camara do fidalgo, que dormia recostado no seu coxim. O moço fechou os olhos, como que para não ver, o que hia praticar, tirou uma pistola do bolso, e apontou-a para o seu hemfeitor: quando ia consumar o crime, a mão de um anjo suspendeolhe o braço, Julio saltou por uma janella, que havia na camara, porem a pessoa que imprimia o movimento no seu braço, o fizera com tanta violencia, que a pistola disparou, e foi ferir o fidalgo.

D. Rodrigo despertando, banhado em sangue, encara a sua filha, e recua espavorido. Entrão os criados, e lançando-se a pobre moça, exclamão, cheios de admiração e de furor:

— A culpada está presa.

Malvina tremula, pallida, e compungida deixa cahir a arma, cambaleia, estremece e quer correr: mas re-se cercada de seus famulos.

D. Rodrigo, com difficuldade, diz do seu leito:

— Sera possível, que minha filha me quizesse assassinar; querias matar teu pai, Malvina!

Malvina estremece, abre a boca, quer falar, mas não pôde!

Coitada; estava muda.

(Continua.)

M. de AZEVEDO.

ULTIMA PÁGINA DE UM SUICIDA.

Meu Caro.

Rio, 22 de Maio de 1859.

Tu me perguntas porque uma nuvem de tristeza se projecta em meu semblante, como o reflexo de uma dor intima? Quero, dises tu, conhecer o mal que te emmarcherce as flôres da existencia para combate lo. Eu te agradeço, meu amigo; já não é tempo. Quando receberes esta, as flôres cuja queda procuras obter serão desbotadas, sem perfumes juncando a louza d'um tumulto. O que vou revelar-te explicará assaz a mudança operada em meus habitos sedentarios. Não era, como por gracejo dizias em tuas cartas, o arrependimento de minhas faltas e de meus erros que conduzia-me ao retiro da penitencia. Conheces grande parte de minha vida. Vivemos na maior intimidade até 185..., anno em que cedendo ás instancias de minha familia parti para a Corte, á fim de continuar meus estudos na escola militar. Nos primeiros mezes que seguirão-se á esta separação, escrevemos-nos por todos os vapores; depois foi nossa correspondencia tornando-se mais vagarosa, e por fim deixou de existir. Por outro lado eu começava á lutar com serios embarços, sinistras apprehensões que infelizmente realisavão-se. Impossibilitado de matricular-me por uma molestia grave, fui julgado mal por meu pai, que desgostou-se, e deixou-me entregue á meus proprios recursos. O que de feito soffri, tu sabes. Alguns annos depois vieste á corte fazer uma viagem de recreio. Quando encontrastes-me já eu não era o mesmo. Teu espanto foi grande, pois bem difficis forão as provações porque passei, bem tristes minhas desillusões, bem fundos os abysmos em que naufragarão minhas esperanças, para que eu conservasse ainda aquella pureza de sentimentos, aquella candidez d'alma que me conheceste outrora. Mais d'uma vez conservastes minha vida dissoluta e vagabunda. Nas tempestades da vida agitão-se e revolvem-se as idéas.

soffrem as crenças commoções profundas, memorias funestas que suggere o desespero, assaltão-nos o espirito, e o homem vaga a mercê das tormentas, sem ousar sondar o seu destino: mas para a alma fortemente abalada não ha bonança como ha para o oceano. Quando as difficuldades desaparecem, quando a vida toma uma calma apparente, as idéas permanecem em continuo estado de effervescencia, as crenças alluidas pela duvida nunca mais tomão consistencia, as paixões hybridas que as dores fundas acordão no peito só a morte as fará adormecer. E terrivel em meu peito foi o embate das paixões. Despresado injustamente por aquelles que mais amava, no centro d'uma grande população onde não tinha um semblante conhecido, segregado de meus companheiros por minha pobreza extrema, eu combinei, depois de haver esgotado tudo que desespero tem de mais sombrio, tudo que a miseria tem de mais acerbo, os planos mais criminosos para continuar á viver. Não houve baixaza diante da qual eu recuasse para obter o pão do dia seguinte. As vezes no meio de minhas attribuições, uma saudade pungente confrangia-me o coração quando nas horas do crepusculo invocava as lembranças do meu passado. Todas as scenas felizes da infancia delineavão-se vivamente na memoria, succedendo-se sem ordem; depois desmaiavão gradualmente, e perdiao-se por fim. Então eu fazia castellos, figurava-me com uma posição na sociedade, cercados de honras, de amigos, e de uma esposa virtuosa; procurava mentalmente os meios de realisa-los, e de subito levantava-se o medonho espectro do presente, derrubava sarcasticamente todos os meus sonhos de felicidade; voltava os olhos em torno de mim, e nada mais via do que o futuro negreando ao longe. Estas decepções quasi diarias embalarão-me o coração de fel. Se comparava minha situação com a dos outros, eu via homens degradados por natureza, e não por necessidade como eu, sorrindo á sociedade, que os aceitava porque elles tinham dinheiro: via felizes á homens que escaerneckão da religião, que despresavão seus preceitos, e punhão em duvida a existencia do ente supremo. Isto revoltou-me ao principio, depois dei-lhes razão, porque para mim a virtude fôra um nome. Daqui este odio á sociedade, este frio descrever de Deus e dos homens, em summa esta quadra de vicios e torpesas em que a consciencia do descrido sancionava *a priori* todos os máos actos do libertino.

Contudo nunca perdi o amor ao estudo. Appliquei-me as sciencias exactas, unicas cujas

verdades eu aceitava. Decorridos cinco annos obtive o grão de bacharel e um emprego lucrativo. Minha situação melhorou.

Nosso amigo P., que como sabes, possui uma linda chacara no Botafogo, dominando a enseada, instou commigo para que fosse morar com elle; fiz-lhe a vontade. Eu esperava que a posição que acabava de adquirir, e os laços de amizade que formava, apagassem-me a lembrança do passado, e mudassem-me as inclinações más: enganei-me: o copo e as Messalinas continuavão a ser para mim tudo que a vida tinha de real e positivo.

Um dia do mez de abril a tarde era bella, o azul dos céus reflectia-se na limpidez das aguas da enseada, levemente encrespadas pelas virações do mar, a atmosphera pura, o ar sereno, e os ultimos raios do sol poente douravão o topo dos montes dos arredores. Vesti-me e sahi machinalmente sem saber para onde. Quando dei acôrdo de mim, estava no cemiterio de S. João Baptista.

Seguião-me alguns homens vestidos de luto que conduzião um feretro. Lembras-te daquella passagem sentimental de Hoffmann, quando ao descer a eminencia que domina a cidade de Nuremberg, avistou o cemiterio em que enterravão Antonia? « Parece-me que la sepultão-se todos os prazeres da vida » diz o phantastico allemão. Igual foi o sentimento que de mim se apoderou. A vista d'aquelle sahimento comprimiu-se-me o coração, senti n'alma uma impressão dolorosa, parecia-me tambem que hião sepultar todos os prazeres da vida. Os homens de luto entravão na Igreja, e eu acompanhei-os: deposerrão o feretro, conversarão alguns instantes com um individuo de má apparencia que pareceu-me ser o coveiro, depois retirarão-se todos, e eu fiquei só. Não sei porque fatalidade meu amigo, interessei-me tanto pelo morto. Ali estive longo tempo sem saber o que devia fazer, e sem animo de sair.

De repente ouvi ruido do lado do altar, era um preto que viêra acender uma lampada. Ao fraco clarão da luz vi que os cadeados do caixão não estavam fechados approximei-me e abri-o. O cadaver que ali jazia era d'uma moça de quatorze á quinze annos. Oh! se tu a visses com sua palma e capella de jasmim e flôres de laranjeira, seus longos cabellos lauros cahindo-lhes em anneis sobre os hombros, com aquellas linhas puras d'uma belleza angelica, haviás de soffrer á mesma emoção que eu soffri.

O ligeiro carmin das faces (triste meio de que servem-se os vivos para reanimaras côres apagadas da não-existencia) contrastava com a palidez da morte que sobresahia-lhe na roupagem branca. Tinha os labios entreabertos,

como se ao quebrar-se o fio daquella existencia de quatorze annos, começassem a murmurar uma palavra que surprehendera a morte.

O que então senti, é impossivel descrever-se: foi como que uma vertigem, e quando, voltei a mim estava cheio de crenças e religião. Tomei as mãos dadonzella, cobri-as de beijos, depois com olhos cravados no rosto della estive alguns minutos absorto em contemplação profunda. « De que sacrificios, meu Deos, não serei capaz para que estes labios acabem a palavra que começarão, para que estes olhos se volvão para mim, para que estas mãos que aperto possão apertar a minha! Senhor, nada vos é impossivel, dai aos incredulos uma prova animada de vossa omnipotencia! » E no meu delirio parecia-me que Deos ouvira minhas preces, uma esperanza fugaz roçou-me pela alma, e esvaeceu-se. Os decretos da morte são irrevogaveis. (1) Lembrei-me de minha infancia, tive vontade de rezar, ajoelhei-me junto ao cadaver e murmurei uma oração fervente, partida d'alma, repassada de unção e sentimento, como a de Raphael junto ao leito de Julia desvanecida. Bezei muito tempo, quando acabei a noite ia adiantada. Minhas idéas erão desordenadas e sem nexo: quiz ir para casa, faltava-me a coragem. Parecia-me ingratição deixal-a assim ás portas do jazigo onde breve baixaria para nunca mais vê-la: parecia-me que ella precisava que eu lhe fizesse companhia até o momento em que o tumulto se abrisse para recebê-la; que tinha mesmo alguma cousa a dizer-me antes que a fechasse a camda, ou então que ella ia despertar, chamar por meu nome, e que havia de doer-lhe o have eu deixado-a só em um corpo de igreja; e este pensamento quebrava o coração. Todavia era preciso sair. Para illudirme tomei-lhe a capula, que tenho guardada como uma reliquia santa, beijei-lhe timidamente as faces, e sahi com a alma dilacerada os olhos timidos, promettendo em voz alta, voltar no outro dia antes de alvorecer, como se pudesse ser ouvido.

Quando cheguei em casa, P. dormia, ha muito. Passei a noite em claro. Um trepel de idéas confusas e sombrias rodavão-me pelo cerebro, como se me quizessem quebrar o craneo. Apenas derão cinco horas sahi para o cemiterio; quando cheguei era tarde, acabavão de enterrar-a. « Abri », disse eu com toda a força dos pulmões ao coveiro espantado. Depois reflecti que era loucura, e voltei para casa com o desespero n'alma. Oito dias passei no meu quarto silencioso e taciturno, tomavão apenas o alimento necessario á conservação

1) Parece-me que já li isto *ipsis verbis*.

da vida. No fim do oitavo dia vesti-me de luto fechado, e fui visitar o seu túmulo. Repeti esta visita todas as noites; tinha remorsos no dia em que a não fazia.

P., arreceiando-se do meu máo estado aconselhou-me uma viagem á Petropolis; lá estive dous mezes sem que a lembrança do anjo do cemiterio me deixasse um só instante.

Não pude demorar-me mais tempo. Ao menos na corte eu tinha a triste consolação de ir sentar-me sobre a lousa do seu túmulo.

Quasi sempre sonho com ella. Ora me apparece vestida de branco, com uma grinalda de flores de laranjeira, sorrindo e estendendo-me a mão; porém a medida que eu me approximo, ella vai-se affastando, affastando, depois eu não vejo mais que uma tenue sombra levemente agitada pelas auras da noite, que afinal desaparece. Ora, já somos casados, ella senta-se junto a mim, passava-me o braço sobre o pescoco, e conta-me as maravilhas do céu; depois seus olhos immobilisam-se, fecham-se os labios, as faces perdem a cor, os vestidos transformam-se em branco sudario, e eu acordava de sobresalto. Isto não podia continuar, peza-me a existencia. Sei que vás te encher de horror ao ler minhas ultimas palavras, dirás que minha conversão não foi sincera. Quererás ao depois convencer-me que ainda posso ser feliz. Enganas-te, meu amigo. Toda felicidade na terra parece-me hoje sacrilegio, eu a recuso.

O que é a vida? Um não sei que de vago e fugitivo que se evapora quando menos se espera, uma nuvem dourada deslisando-se pelo espaço e que os ventos arrebatam, uma flor pendida sobre os abysmos, que as brisas bafejam e arrojão ao precipicio.

E' chegado o tempo de unir-me á ella. Adeus, no meio dos prazeres que te proporciona uma existencia feliz, conserva sempre uma saudade para teu amigo o coração.

Carlos. »

J. d'Oliveira Catunda.

Rio, 25 de agosto de 1850.

REVISTA DE THEATROS.

(27 DE NOVEMBRO.)

SUMMARY: GYMNASIO:—*Miguel o Torneiro*.—THEATRO DE S. PEDRO: Duas palavras sobre o *Erro e Amor*.—OPERA NACIONAL: Abertura. —THEATRO LYRICO: *Trovador*.—Um convite.

Já vio o *Miguel Torneiro*, minha leitora? É uma imitação do francez, escripta pelo Sr. José Romão. Não era preciso a explicação; alguns gallicismos de vocabulo e de

phrase, indicão á primeira vista que alli não ha originalidade.

Fui vê-la na semana passada.

São os actores que levantão aquella peça, cujo entrecho aliás é bonito. O Sr. Furtado disse o seu papel bem, apesar da escacez do quadro; e a Sra. D. Ludovina acompanhou o artista na expressão da phrase e do movimento scenico. Mas sobre o papel de um e de outro se levanta o papel do Sr. Montinho. É o torneiro, a primeira figura da comedia.

O creador de *Manoel Escota e de Balthazar* está alli com o talento vigoroso de uma vocação decidida. No estudo do torneiro, o Sr. Montinho emprega, como fizera em outras creações, estudo de detalhe, e harmonia de todo. As duas scenas, a da hebedeira, e a da preparação da mala, assim com a ultima da peça, são desempenhadas com talento e nada deixão a dezejar.

Já dei a minha opinião em outra parte. O senhor Montinho é moço de uma tendencia vigorosa para a arte; saibão applicar-lhe o talento.

Assisti a uma segunda representação do *Erro e amor*, no theatro de S. Pedro. Repito o que disse; o drama não justifica o cuidado da decoração. A critica séria não pôde encontrar naquella producção o cumprimento dos preceitos da arte. Nem belleza moral, nem belleza plastica; as scenas seguem-se, mas não se encadeão; não se prepara a acção; no fim de cada dialogo o espectador repete aquella phrase: *Qu'est-ce que ella prouve? à quoi bon cela?*

Sobre o desempenho sou talvez menos severo do que a opinião pública. Se um actor bom faz um drama bom, tambem um drama mau faz ás vezes um actor mau. É a minha opinião. Não posso ouvir com seriedade a celebre falla do marquez no 3.º acto; mas como recitar semelhante pedaço? A intenção do autor escrevendo *roscas pestíferas*, e *baba asquerosa*, não foi outra senão modular a declamação no ponto maximo da clave phonica.

Assim se o desempenho do *Erro e amor* foi inferior, estava na altura do... drama. É a theoria das relações.

Não autoriso assim mau trabalho scenico, justifico apenas.

Duas linhas de observação.